

Romance e «ficcionalismo»

Carlos Ceia redescobre a teoria da construção do romance ao mesmo tempo que a desconstrói

Afinal, o que é um romance? Não sendo aqui possível discutir em termos de rigor e sistematização científicos as propostas teóricas do mais recente livro de ensaios de Carlos Ceia, limitemo-nos ao essencial da sua temática. Ou seja, como o título indica: a construção do romance. Todavia, desde logo, o subtítulo levanta um problema que tem a ver com a delimitação precisa do âmbito de investigação do (parafraseando o teórico francês Antoine Compagnon) «demónio da teoria»: **Ensaio de Literatura Comparada no Campo dos Estudos Anglo-Portugueses**. Porquê? Porque se põe desde logo uma questão básica: se a Teoria da Literatura, aqui voltada para a (utópica) definição de romance, com predominância do chamado romance «pós-moderno», pode abranger exemplos relacionados com estudos de Literatura Comparada, esta deverá manter, parece-me, um território de investigação autónomo, livre duma estrita especulação teórica sobre géneros literários.



Ilustração de Júlio Pomar para «D. Quixote», de Cervantes

Mas vamos então ao essencial, referindo desde já que Carlos Ceia, professor da Universidade Nova de Lisboa, se doutorou na Universidade de Cardiff, em 1993, com uma tese notável sobre o legado da mitologia grega na obra poética de Sophia de Mello Breyner, tendo posteriormente publicado vários livros de ensaios, alguns predominantemente didácticos, e um romance cujo título é bem significativo: **O Professor Sentado - Um Romance Académico** (2004). Ora, talvez a chave deste novo livro de ensaios esteja precisamente neste «romance académico», escrito sob a égide teórica de David Lodge, aqui uma referência constante, quer como escritor quer como teórico da literatura. Até porque Carlos Ceia, desde o início do primeiro e mais longo ensaio da colectânea, radicalmente teórico, intitulado **A Construção do Ficcionalismo na Literatura**, eleva o ensaio teórico-crítico «a um patamar muito próximo do da ficção criativa» (pág. 9). Haveria assim, segundo Ceia, uma correspondência entre ficcionalismo e imaginação teórico-crítica, estabelecida a partir do complexo jogo entre o autor real e o autor virtual. Mas o que é, de facto, ficcionalismo? A definição espalha-se e metamorfoseia-se ao longo do livro, anunciando-se e condensando-se neste ensaio inicial: «O conjunto de textos estudados neste livro partilha uma característica comum a que chamo ficcionalismo, uma tentativa de encontrar um espaço próprio para a teorização do romance dentro do próprio romance» (pág. 13). E sendo também «uma forma de poética», o ficcionalismo «confundir-se-á facilmente com aquilo que hoje se designa por metaficção, isto é, ficção sobre a ficção, ficção que reflecte sobre a própria natureza da ficção» (pág. 14), ou ainda com «uma forma de consciência auto-reflexiva e muitas vezes auto-correctiva» (pág. 16). Mais adiante, Carlos Ceia, referindo sobretudo teóricos ingleses e norte-americanos contemporâneos, relaciona o conceito de ficcionalismo com uma auto-reflexividade que vem do **D. Quixote**, de Cervantes, e que é desde então «a técnica narrativa de suporte de qualquer manifestação de ficcionalismo» (pág. 75). Destacando com justeza, na sequência da obra-prima cervantina, a grande ficção inglesa do século XVIII, Ceia dá um exemplo fundamental e pouco estudado do nosso século XVIII: o do padre Teodoro de Almeida, com **O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna** (1779).



A este longo ensaio introdutório seguem-se cinco ensaios, aplicando, numa abordagem mais comparativista, o conceito de ficcionismo a obras de ficção de diferentes autores e diferentes épocas, desde a construção do «anti-romance» em Laurence Sterne e o Garrett de **Viagens na Minha Terra** ou a auto-reflexividade no romance modernista (**Ulisses**, de James Joyce, e **Nome de Guerra**, de Almada Negreiros) a José Rodrigues Miguéis comparado com Muriel Spark, passando pelo paralelismo entre Thomas Pynchon e Alexandre Pinheiro Torres ou David Lodge e Mário de Carvalho. Estes dois últimos autores levam Carlos Ceia a defender, numa síntese final, que «é possível não

abandonar uma matriz realista e escrever romances numa era dita pós-moderna e anti-realista» (pág. 255), cerne, parece-me, de todo este livro. Um livro em que o «demónio da teoria» se sobrepõe à análise comparativista sobretudo para evitar esse «monstro» chamado «influência». Mas se é verdade que a leitura é, antes de mais, empática, projectiva e identificatória, toda a influência (não tenhamos medo da palavra) é, fundamentalmente, confluência - e confluência com o que nos precede. Por isso, George Steiner, a propósito da «tentação de comparar», diz que «intuitivamente, voltámo-nos para a analogia e o precedente, para o que nos é familiar, relacionando o novo com um contexto reconhecível» (**No Passion Spent**, 1996). Assim, haverá sempre no romancista a tentação de «recontar» uma história que o precedeu. E, afinal, Carlos Ceia ajuda-nos sobretudo, com rara paixão teórica, a compreender essa fatídica tentação.

Álvaro Manuel Machado